

## Quando as árvores desaparecem

Publicado em “O Mocho”

Talvez os mais distraídos não se tenham apercebido, mas a nossa escolinha viu fugir recentemente um considerável número de árvores. Junto à entrada principal, a cortina de salgueiros ficou um tanto retalhada, aparentemente devido ao perigo que estes representavam para automóveis e pessoas. Já no interior, em frente ao pavilhão da “alternância”, sumiram-se outros tantos choupos que, de tal forma se encontravam bem instalados, se viam crescer de dia para dia. No átrio da entrada, naqueles triângulos que engrandecem o símbolo da ESB e no-lo fazem recordar a cada momento, o destino tocou a umas “sóforas”, espécie pouco conhecida, a não ser para os entendidos em botânica...

E agora? Que é feito das ditas plantas? Com excepção dos salgueiros, que deram seguramente umas belas achas, a maior parte das árvores conheceu casa nova na Ribeira da Granja, junto à Rua de Requesende. Terra de qualidade, diz a Câmara, onde, se os espécimes forem poupados a algum acto semi-terrorista, poderão crescer fortes e saudáveis. Os restantes foram transplantados para locais na faculdade mais recatados. Convido desde já todos os interessados a um jogo estimulante: “à descoberta das árvores desaparecidas”.

Como sabem, o nosso país não é propriamente um modelo no que respeita ao ordenamento do território. O pólo da Asprela constitui simplesmente mais um exemplo que não nos enobrece. O seu desenvolvimento conta-se em poucas linhas: como na cidade do Porto o espaço escasseia e era necessário ampliar ou construir novas faculdades, a zona onde nos encontramos era especialmente apetecível, ou não existissem aqui dos maiores terrenos livres da cidade. E assim surgiram, qual cogumelos, uma profusão de universidades, faculdades e institutos politécnicos, de que a avassaladora FEUP é apenas o mais recente exemplo. O resultado está à vista: a ausência de um plano orientador transformou a zona em algo que se assemelha ao caos.

Mas podia ao menos ser um caos verde! Contudo, não parece ser o caso: os nossos amigos do ISEP não mostram grande consideração pelas árvores (já olharam para lá?) e no Hospital de S. João abateram uma boa centena para construir um hotel (sim, um hotel!) e um parque de estacionamento. Para além destes tristes exemplos, em nenhuma das faculdades, incluindo a nossa, se conhece um jardim planeado para formar, com o edificado, um conjunto especialmente profícuo. Pelo contrário: a necessidade de afirmar o *betão pelo betão* é evidente, sobrepondo-o agressivamente à envolvente. Neste ponto havia que retomar a tradição romântica de planeamento de jardins tão fantásticos como os do Palácio de Cristal e da Cordoaria – que, entre nós, celebrizaram o saudoso paisagista alemão Émile David.

Mas agora o mais caricato: o jardim da ESB foi idealizado pela Arq. Teresa Andresen, ao que parece por convite do Arq. Adão da Fonseca, o responsável por toda a estrutura cor-de-rosa a que hoje chamamos ESB. É verdade, aqueles canteirinhos verdes tiveram honras de uma conceituada arquitecta paisagista! Mas, ao contrário do que se poderia pensar, foi esse o motivo que ditou a repatriação das árvores. É que as pobres plantas não estavam previstas nos laboriosos estudos de arquitectura paisagista; foram lá plantadas *a posteriori*, sem o conhecimento do Sr. Arq. E, para proteger os direitos de autor, havia que repor a situação original – i.e., a situação (quase) sem árvores... Depois de uma complicada maratona negocial que se prolongou por dois anos, eis que os espécimes conheceram casa nova, graças ao esforço de várias pessoas da ESB e da benevolência da Câmara do Porto (e, já agora, do trabalho de uma associação de defesa do ambiente chamada Campo Aberto).

Há que pensar na lógica de tudo isto. Numa faculdade que se pretende afirmar como um pólo de excelência na área do ambiente é preciso, antes de mais, dar o exemplo. Apesar das boas medidas recentemente implementadas – entre elas a do pagamento do estacionamento automóvel para os alunos e da forte restrição a fumar no interior das instalações – o sinal dado com a retirada das árvores foi tudo menos positivo. Independentemente das razões que levaram a que tal acontecesse, que são compreensíveis, seria sensato que a faculdade cuidasse melhor da sua envolvente e arborizasse os espaços disponíveis, evitando naturalmente a repetição dos *fait-divers*. Propria, a título de exemplo, a recuperação da acolhedora cortina de salgueiros junto à entrada.

Convenhamos, meus caros, que *bio* precisa de perder um pouco do cor-de-rosa e ganhar algum verde. Não um qualquer verde, mas sim o verde das árvores que, infelizmente, viu desaparecer.

Nuno Quental

Licenciado em Eng. do Ambiente pela ESB em 2001

cool@mail.esb.ucp.pt

17/02/2003